

CARTA AO EDITOR

O Editorial publicado no vol. 19 (1), Jan.-Mar., 1986 dessa Revista, sob o título "O problema do *Aedes aegypti* no Brasil" foi encaminhado para publicação em novembro de 1985 e, portanto, antes do aparecimento de dois fatos extremamente importantes sobre o assunto.

O primeiro refere-se ao registro da epidemia de dengue, em março de 1986, no Estado do Rio de Janeiro. O surgimento de epidemias de dengue onde existe a presença do *Aedes aegypti* é um fenômeno previsível, dependendo apenas da introdução dos portadores. Sua propagação e dimensionamento estão diretamente relacionados à densidade demográfica da área afetada. Os municípios da Baixada Fluminense, nos quais foram registrados casos de dengue, apresentam densidades demográficas das mais elevadas no país. Eis aí um dos fatores que explica a elevada magnitude da epidemia, com um número de casos, até o momento, não publicado oficialmente, mas que, sem dúvida, ultrapassa os 500 mil.

O segundo fato, que é bastante preocupante, foi a detecção da presença do mosquito *Aedes albopictus* no país, no mês de junho passado. Segundo informações da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) do Ministério da Saúde, o *A. albopictus* já foi encontrado nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Norte e São Paulo.

O *A. albopictus* é um mosquito primitivamente silvestre que se adaptou ao ambiente urbano. Tem criadouros em reservatórios naturais (buracos de árvore) e artificiais (pneus usados, vasos de flores etc.). Pode ovipor sem repasto sanguíneo (autogenia). Originário da Ásia, tem uma distribuição geográfica mais ampla que o *A. aegypti* em termos de latitude, atingindo zonas tropical e temperada (chega até ao norte da China e a Sibéria) e não está restrito a ambientes domésticos e peridomésticos como aquele, sendo encontrado em ambiente rural. Por estas razões dispersa-se com facilidade passivamente. É considerado transmissor de dengue, inclusive de sua forma hemorrágica. Foram demonstradas também as transmissões transovárica e transestadial de todos os quatro serotipos. É susceptível a infecção pelo vírus da encefalite da Califórnia e a transmite também transovarianamente. Já foi encontrado infectado pelo vírus Chikungunya (alfavirus). Em laboratório, já se mostrou susceptível aos vírus das encefalites de S. Louis e japonesa, aos vírus do Nilo Oeste e de Kunjin – todos flavivirus. É também susceptível em laboratório ao vírus da febre amarela.

As dificuldades para erradicá-lo ou controlá-lo são muito grandes, principalmente pelos seus hábitos urbanos e rurais. O risco de servir como "ponte" entre as formas silvestre e urbana da febre amarela existe.

Desta forma, Sr. Editor, é possível que mesmo a erradicação do *A. aegypti* não seja suficiente para prevenir epidemias de dengue no país, como foi dito naquele Editorial. Isto caso se estabeleça a permanência do *A. albopictus* no país.

Pedro Luiz Tauil